



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA- PARFOR
CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA - PARFOR

ESMERALDA DE SOUSA RODRIGUES

A IMPORTANCIA DA INSERÇÃO DO GENERO CORDEL NO ENSINO
FUNDAMENTAL

ABAETETUBA/PARÁ

2019

ESMERALDA DE SOUSA RODRIGUES

**A IMPORTANCIA DA INSERÇÃO DO GENERO CORDEL NO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito básico para a
obtenção de grau de licenciatura em Letras –
Língua Portuguesa/PARFOR, orientado pelo
professor Dr. Augusto Sarmiento.

ABAETETUBA/PARÁ

2019

A IMPORTANCIA DA INSERÇÃO DO GENERO CORDEL NO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem (FACL), da Universidade Federal do Pará como requisito para a obtenção do Grau de Licenciada em Letras- Língua Portuguesa, sendo analisado e aprovado pela Banca Examinadora formada pelos professores.

Aprovado em 12 de março de 2019.

Conceito:

Orientador:
Prof. Dr. Augusto Sarmiento

Membro 1:
Prof.

Membro 2:
Prof.

Dedico este trabalho especialmente a Deus, por ter me iluminado e dando-me forças, para concluir mais uma etapa de minha vida.

Dedico também a minha família, que sempre estiveram me dando apoio e me incentivando para que pudesse concluir meu curso.

Ao meu orientador professor Prof. Dr. Augusto Sarmiento que me apoiou, por meio de sua valiosa orientação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que me deu força e equilíbrio para superar todas as dificuldades que encontrei ao longo de minha trajetória educacional e por ter me dado oportunidade de alcançar meus objetivos.

Agradeço à toda minha família que sempre me incentivou nessa caminhada de conhecimento, em especial meu esposo, filhos, pais e irmãos, por terem me ajudado, através de vibrações positivas durante todo curso e para a construção deste trabalho.

Aos demais colegas e amigos do curso que direta ou indiretamente contribuíram com trocas de experiências para a realização deste sucesso e concretização deste sonho.

A Universidade Federal do Pará- UFPA, que me preparou para enfrentar o mercado de trabalho com competência.

A todos os professores que são responsáveis por nossa graduação e, que compartilham conosco seu tempo e conhecimento, deixando assim, pouco de si.

Em especial, agradeço ao Prof. Dr. Augusto Sarmiento, que aceitou o desafio de me orientar nesse trabalho. Obrigada professor pela amizade, pelo auxílio e oportunidades que me deu contribuindo significativamente ao longo de meu processo formativo.

Uma aluna inteligente
Cheia de sabedoria
Formulou ao professor
Com muita categoria
Uma ideia rica e bela
Que a todos encantaria!

Ela disse: “Professor,
Quero que o senhor inove
Com uma aula criativa
E agora nos comprove
Essa tal de Lei Dez Mil
Seiscentos e trinta e Nove

Respondeu o professor:
“Eu garanto lhe explicar,
Esse assunto interessante
Que todos irão gostar,
Mas para o bem de vocês
Primeiro vou pesquisar”
[...]

RESUMO

O presente trabalho tem como tema “A importância Inserção do Gênero Cordel no Ensino Fundamental” na Escola Estadual de Ensino fundamental e Médio Enedina Sampaio Melo-ESAM. Objetivou introduzir o gênero cordel no cotidiano da sala de aula de língua portuguesa do Ensino Fundamental. Pesquisa foi feita no o período de 11 de maio a 15 de junho de 2018, por meio de um estudo de caso, com pesquisa qualitativa descritiva com utilização de levantamento bibliográfico de autores adeptos ao tema tais como: Abreu (1999), Aguiar (1996), Assis, (2011), Brito (2001), Candido (1972), Chartier (2011), Cosson (2014), Freire (2008), Lajolo (1993), Lajolo (1996), Martins (1994) e aplicação de questionário e também com atividades. Além de pesquisa quantitativa relatando os percentuais de alunos em relação à leitura, literatura e literatura de cordel, assim como enfatizam a importância de literatura de cordel de uso mais lúdica e prática no âmbito da sala de aula. Este trabalho pautou-se em três capítulos a saber, onde o primeiro tem como tema a formação da leitura: a prática social da leitura e obra literária, o segundo trata-se metodologia e o terceiro aborda análise e resultados.

Palavras-chave: Literatura de Cordel. Leitura, Literatura.

ABSTRACT

The present work has as its theme "The Importance of Cordel Gender in Elementary School" in the State School of Primary and Secondary Education Enedina Sampaio Melo-ESAM. The objective was to introduce the cordel genre into the daily routine of the Portuguese language classroom of Elementary School. Research was done in the period from May 11 to June 15, 2018, through a case study, with qualitative descriptive research using a bibliographical survey of authors who adhere to the theme such as: Abreu (1999), Aguiar (1996)), Assis, (2011), Brito (2001), Candido (1972), Chartier (2011), Cosson (2014), Freire (2008), Lajolo (1993), Lajolo questionnaire and also with activities. In addition to quantitative research reporting the percentages of students in relation to reading, literature and cordel literature, as well as emphasizing the importance of cordel literature for more playful and practical use within the classroom. This work was based on three chapters, namely, the first one is the formation of reading: the social practice of reading and literary work, the second is a methodology, and the third deals with analysis and results.

Keywords: Cordel Literature. Reading, Literature.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: Localização da escola ESAM em Igarapé-Miri.....	27
FIGURA 02: A saga de Dom João VI.....	37
FIGURA 03: Discutindo a Lei 10.639 em sala de aula.....	38
FIGURA 04: Respeite a Diversidade Pro Brasil Crescer Melhor.....	39

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01 O que você costuma ler no seu dia-a-dia?.....	41
GRÁFICO 02: Por que você lê?.....	42
GRÁFICO 03: Você já teve algum tipo de acesso à Literatura de Cordel?.....	43
GRÁFICO 04: Através dos estudos realizados sobre a Literatura de Cordel, você considera o mesmo importante para a Arte Brasileira?.....	44

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPITULO I - A FORMAÇÃO DA LEITURA: A PRÁTICA SOCIAL DA LEITURA E OBRA LITERÁRIA	14
1.1. A PRÁTICA SOCIAL DA LEITURA E A OBRA LITERÁRIA.....	14
1.2. LEITURA NO BRASIL O ATO DE LER E EM HISTÓRIA.....	16
1.3. A LEITURA LITERÁRIA NA SALA DE AULA.....	20
CAPITULO II- ANÁLISE DA PESQUISA	26
2.1 SOBRE O LOCUS DA PESQUISA.....	26
2.2 PROJETO: LITERATURA DE CORDEL NA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO.....	28
CAPITULO III ANÁLISE E RESULTADOS	36
3.1 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE.....	36
3.2 AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS EM SALA DE AULA COM OS ALUNOS.....	36
3.3 RESULTADOS DAS ATIVIDADES.....	37
3.4 RESULTADOS DOS QUESTIONÁRIOS.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	48
ANEXO	50

INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a importância do Gênero Cordel no Ensino Fundamental como estímulo a leitura e produção textual, o qual objetivou incentivar o gênero cordel no cotidiano da sala de aula de língua portuguesa do Ensino Fundamental. O público escolhido foi os alunos do 6º do ensino fundamental, os quais fazem parte de uma turma da manhã. O trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisas e atividades sequenciais, onde se buscou descobrir o que os alunos do 6º ano sabem sobre a Literatura de Cordel.

A utilização da à Literatura de Cordel foi escolhido por ser um texto dinâmico e por ser algo capaz de desenvolver a criatividade dos alunos, incentivando-os na tarefa de produção textuais. Vale ressaltar, que a Literatura de Cordel faz parte de nosso folclore antes dos avanços tecnológicos dos meios de comunicação bater a nossa porta nos trazendo um mundo de novidades, mas não deve esquecer as nossas próprias origens culturais que tão importantes quanto às novas tecnologias.

Para tanto, a Arte brasileira é muito rica e diversificada, cada região possui formas diferentes de se expressar, porém como é de costume, o brasileiro muitas vezes deixa de valorizar a arte de seu país para valorizar arte estrangeira.

Esta pesquisa buscou compreender a importância do Cordel relatando suas origens, seu contexto histórico e literário, relatando também como pode ser valorizado este assunto nas aulas, estimulando o aluno a conhecer e apreciar estes trabalhos e de que maneira este assunto pode servir como suporte didático para os professores. Para tanto essa pesquisa foi feita por meio de um estudo de caso, com pesquisa qualitativa descritiva com utilização de levantamento bibliográfico de autores adeptos ao tema tais como: Abreu (1999), Aguiar (1996), Assis, (2011), Brito (2001), Candido (1972), Chartier (2011), Cosson (2014), Freire (2008), Lajolo (1993), Lajolo (1996), Martins (1994) e aplicação de questionário e também com atividades. Além de pesquisa quantitativa relatando os percentuais de alunos em relação à leitura, literatura e literatura de cordel, assim como enfatizam a importância de literatura de cordel de uso mais lúdica e prática no âmbito da sala de aula.

A pesquisa, consistiu em realizar 06 (seis) atividades na escola Estadual de ensino Fundamental e Médio Enedina Sampaio Melo do Município de Igarapé-/PA, conhecida como ESAM, numa turma de 20 (vinte) alunos,, são do 6º Ano "A", turno manhã, no período de 11/05/2018 à 15/06/2018, onde foi executado a um projeto

“Literatura de Cordel na Escola Enedina”, com várias atividades de literatura de cordel, onde foi desenvolvida atividades diversificadas, por meio do gênero cordel e produção de textual.

Desta forma este trabalho pautou-se em três capítulos a saber, onde o primeiro tem como tema a formação da leitura: a prática social da leitura e obra literária, o segundo trata-se metodologia e o terceiro aborda análise e resultados.

Portanto trabalhar com projetos de leitura de cordel auxilia na maximização da aprendizagem dos alunos, auxiliando na ampliação de repertório argumentativo, histórico e cultural dos alunos, estimulando a formação de leitores ativos, que sejam capazes de ler, entender e interpretar o que leu, posicionando-se criticamente sobre o texto lido. Para incentivar a leitura, é necessário, portanto, investigar as causas que impedem os educandos de aprenderem a ler; identificar os fatores que estão prejudicando a formação de verdadeiros leitores para, a partir de texto de cordel e sugerir algumas atividades e métodos que contribuam para o ensino e aprendizagem da leitura.

Além disso, os projetos de leitura de cordel auxiliam no desenvolvimento de habilidades dos alunos como escrita, leitura, audição, reescrita, releitura, entre outros, desta forma inserir a Literatura de Cordel.

CAPITULO I - A FORMAÇÃO DA LEITURA: A PRÁTICA SOCIAL DA LEITURA E OBRA LITERÁRIA

1.1 A PRÁTICA SOCIAL DA LEITURA E A OBRA LITERÁRIA

Entendida como atividade de cultura ou de prazer do homem alfabetizado, a leitura, desde a época dos faraós, não sofreu desmoronamentos, mas apenas transformações, conforme afirma Partison (apud CHARTIER, 2011, p. 204). Pode-se afirmar, sem sombra de dúvida, que a leitura, ou melhor, os modos de ler, continuarão a mudar, a se transformarem, acompanhando os desenvolvimentos tecnológicos.

De acordo com Ghilardi (1999, p. 127), foi a partir do século XIII, com o movimento das Universidades ganhando força na Europa, que um novo público, de caráter não religioso, começou a emergir. Em função das novas exigências de leitura, surge o livro impresso, a partir de Gutemberg, atendendo, assim, às necessidades de um novo público, composto “de altos funcionários, de ricos negociantes ou juristas desejosos de adquirir toda espécie de obras necessárias não somente a suas funções e edificação moral, mas também a sua distração. [...] eles eram capazes de apreciá-las e, por suas fortunas, de possuí-las”. Obviamente, a produção e a difusão do material de leitura não eram realizadas de forma pacífica, pois seu substrato era a luta de classe.

Ainda segundo esse autor, a luta de classe evolui e a burguesia consegue fazer valer seus interesses gerais. Paralelamente ao esforço da burguesia em criar um circuito da produção e difusão cultural, que servisse aos seus interesses, desenvolveu-se outro circuito de expressão maior, que é o *Bibliothèque Bleue*, feito de pequenos livros brochurados, em um tipo de papel de embalagem de cor azul, e vendidos a qualquer tostão. Tais obras eram consideradas de compreensão fácil para todos aqueles que acabavam de ter acesso ao texto escrito, como, por exemplo, os membros da classe operária.

A partir do século XIX, com o impulso da Revolução Industrial, os manuais escolares vão ganhando seu espaço, mas, infelizmente, “apesar dos esforços dos editores em ganhar a pequena e a média burguesia, o livro permanece como veículo de uma minoria culta” (MARTINS, 1994, p. 71). Apesar da Revolução Industrial, o acesso ao livro, ao jornal, enfim, à forma escrita, pelas classes trabalhadoras, menos favorecidas, ainda é escasso, pois o acesso à informação sempre foi percebido

como “forma de consolidação e afirmação de poder”, pois saber e poder, geralmente, andam de mãos dadas em nossa sociedade (GHILARDI, 1999, p.129). Em uma sociedade, notadamente capitalista, a prática social da leitura literária propicia o acesso ao conhecimento e, conseqüentemente, o poder sobre a palavra e sobre as variadas formas de manipulá-la e, sobretudo, de manipular aqueles que não detém esse poder, conforme verificamos na citação a seguir:

aprender a ler, para os escravos, não era um passaporte imediato para a liberdade, mas uma maneira de ter acesso a um dos instrumentos poderosos de seus opressores: o livro. Os donos de escravos (tal como os ditadores tiranos, monarcas absolutos e outros detentores ilícitos do poder) acreditavam firmemente no poder da palavra escrita. Sabiam, muito mais do que alguns leitores, que a leitura é uma força que requer umas poucas palavras iniciais para se tornar irresistível (MANGUEL 1997, p.313).

Ainda em relação ao acesso ao livro e ao “poder da palavra escrita”, o a afirma que um dos meios para controlar e deter o poder sobre a massa é justamente limitar esse acesso.

Nesse sentido, podemos dizer que as diferenças de classe e de poder também se manifestam no âmbito da educação. Se os filhos da burguesia não estudam nas escolas municipais e estaduais, então, para que investir e exigir qualidade do ensino para aqueles que serão, em um futuro próximo, seus subalternos. Por volta de 1935, começam a surgir reivindicações em relação à educação e à cultura para todos, de modo que em 1945, acelera-se a organização da leitura pública. Para Ghilardi (1999), o sistema capitalista passou por nova mutação e as relações de produção já não permitiam a sobrevivência de formas de trabalho que remontavam ao pré-capitalismo, que, durante muito tempo, conseguiram manter praticantes que possuíam apenas habilidades manuais e, sobretudo, rudimentos de habilidades intelectuais, como contar, ler e escrever.

Na era do capitalismo monopolista de Estado, a lógica da razão devia ser a lógica não apenas da classe burguesa, mas, também, a das classes populares, inclusive as rurais. A partir desse momento, marcado pelo capitalismo, nasce um novo homem, ajustado às modernas técnicas de eficiência e racionalização do trabalho, que seguidores de Taylor puseram em circulação. Diante disso, conforme assinala Ghilardi (1999, p. 12), frente à comunidade, surge a sociedade e, como consequência “natural”, a dominação de uma nova oligarquia constituída pelo poder capitalista da grande burguesia, que estabelece as tendências democráticas,

destruindo, assim, o regime feudal. Nesse novo quadro social e econômico, surge a preocupação com a formação cultural e, sobretudo, escolar.

Perante tais necessidades, que não eram somente de determinados grupos ou de classes, mas nacionais, competiu ao Estado superar o desequilíbrio produzido pelas reivindicações resultantes das desigualdades provocadas pelo modo de produção e que não conseguiam ser solucionadas, em nível de mercado, pela indústria cultural. Em face dessas transformações é que surgiram, portanto, preocupações com a organização de leitura pública pelo Estado. Além de ideias de políticas culturais globais promovidas e planejadas pelo Estado. Nesse quadro, “o direito à cultura aparece então como uma etapa nova da Declaração dos direitos do homem e do cidadão, votada pela UNESCO¹ em 1948, em sua Declaração Universal dos Direitos do Homem” (GHILARDI 1999, p. 11)

1.2 – LEITURA NO BRASIL O ATO DE LER E EM HISTÓRIA.

Paulo Freire, em busca de compreender e realizar uma crítica sobre o ato de ler discorre sobre seu processo de alfabetização, que ocorreu de forma natural, em seu quintal, com palavras do seu cotidiano e afirma que, o indivíduo, antes mesmo de ler a palavra escrita faz uma leitura do mundo, considerando ainda que as duas formas de leitura estão interligadas. Por isso, elas devem ser consideradas pelo professor como parte de sua prática, já que o ato da leitura deve fluir de forma que não implique em um processo de memorização mecânica, mas de significação para o aluno, por isso, para Freire

a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra. O ato de ler se veio dando na sua experiência existencial. Primeiro, a “leitura” do mundo do pequeno mundo em que se movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo da sua escolarização, foi à leitura da “palavra mundo”. (FREIRE, 2008, p.09)

Este mundo especial ao qual se refere Freire deve ser compreendido como o mundo de sua perspectiva, daí considerá-lo como o mundo de suas primeiras leituras. O que o leva a afirmar que

Ao ensaiar escrever sobre a importância do ato de ler, eu me senti levado - e ate gostosamente - a "reler" momentos fundamentais de minha prática, guardados na memória, desde as experiências mais remotas de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo. (FREIRE, 2008 p.09)

¹ UNESCO- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto em cuja percepção experimentava e, quando mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão ia aprendendo no seu trato com eles, na sua relação com seus irmãos mais velhos e com seus pais, como ressalta o autor:

A retomada da infância distante, buscando a compreensão do meu ato de "ler" o mundo particular em que me movia - e até onde não sou traído pela memória -, me é absoluta-mente significativa. Neste esforço a que me vou entregando, re-crio, e revivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra. Me vejo então na casa mediana em que nasci, no Recife, rodeada de árvores, algumas delas como se fossem gente, tal a intimidade entre nós - à sua sombra brincava e em seus galhos mais dóceis à minha altura eu me experimentava em riscos menores que me preparavam para riscos e aventuras maiores. (FREIRE, 2008, p.09)

A leitura do seu mundo foi sempre fundamental para a compreensão da importância do ato de ler, de escrever ou de reescrevê-lo, e transformá-lo através de uma prática consciente “do mundo imediato que fazia parte do universo da linguagem dos mais velhos, expressando as suas crenças, os seus gostos, os seus receios, os seus valores”. (FREIRE, 1989, p.10)

No esforço de re-tomar a infância distante, a que já me referi, buscando a compreensão do meu ato de ler o mundo particular em que me movia, permitam-me repetir, re-crio, re-vivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra. E algo que me parece importante, no contexto geral de que venho falando, emerge agora insinuando a sua presença no corpo destas reflexões.. (FREIRE, 2008, p.10)

Desse modo, o trabalho de leitura não se inicia com a escolarização, pois como destaca Freire:

Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi meu quadro-negro: gravetos, O meu giz. (FREIRE, 2008, p.11)

Leitura da “palavra mundo” mais uma vez é concretizada em saberes antes construído em sua casa, em seu quintal, à sombra das mangueiras. Sua professora trouxe seu mundo, seus conhecimentos prévios e as possibilidades de abraçar o mundo que, ao escrevê-lo poderia ser recriado e reinventado.

É inevitável não transpor ao cotidiano das salas de alfabetização nas escolas públicas e pensá-las na perspectiva da história de vida e de aprendizagem de cada menino e de cada menina que a compõem. Da mesma forma nas classes de alfabetização de adultos com homens e com mulheres com experiência de vida, de trabalho e de perspectivas diferentes do tempo infantil próprio das classes de

alfabetização das crianças. Trago as possibilidades engendradas nos eixos temáticos e nas palavras geradoras provocadas antes na forma de método e agora como teorias, proposições e alternativas para construir a leitura e a escrita na escola.

Segundo Lajolo e Zilberman (1996) o livro *formação da leitura no Brasil. e do público leitor* ilustrado com fragmentos dos clássicos da literatura brasileira e com livros historiográficos, reformulando a história do leitor no Brasil. Nesta obra a imagem do leitor está associada ao desenvolvimento da sociedade burguesa. O livro começa explanando o surgimento do leitor, indicando a família burguesa como cultivadora da leitura. Com as revoluções europeias no século XVIII, as famílias reestruturam o seu padrão, tornando-se uma instituição democrática. E é neste novo molde que se intensifica pela leitura. O saber ler era necessário à formação moral dos indivíduos, por isso, as leituras religiosas se tornavam, cada vez mais comuns nas famílias cristãs.

Vale ressaltar que no Brasil, só por volta de 1840 é que começa a se expandir a leitura, no Rio de Janeiro, como sede da monarquia, é que se obtêm espaços propícios para a difusão da prática fortalecendo os primeiros leitores brasileiros, de maneira que se desenvolve a criação literária e a sua circulação através de livrarias e bibliotecas.

Desta forma, os escritores passam a ter certo comprometimento com os seus leitores, dialogando com eles. Os recursos estilísticos evidenciam a preocupação do autor, que estabelece contato com o seu leitor. Outras formas de preparação dos primeiros leitores brasileiros foram: simular as reações do leitor nas obras; dar ao leitor uma posição de superioridade; compartilhar um ambiente comum, tudo isso comprovando o comprometimento e a delicadeza do escritor.

Para tanto esse escritor paternal logo abre espaço para um escritor mais exigente em relação à aceitação do leitor com a obra criando o autor cúmplice que divide o mesmo espaço íntimo com o leitor. O leitor passa, então, a se identificar com os personagens, tornando-se testemunha privilegiada do autor.

O escritor chegava até a vender suas obras de porta em porta à procura de interessados, tudo para baratear o custo de venda de suas publicações. Essa precariedade do mercado editorial brasileiro era, ao mesmo tempo, causa e consequência da infraestrutura inconsistente.

No final do século XIX, para sanar a carência dos meios de divulgação do trabalho literário, surgem escritores e intelectuais no papel de editores. Conforme iam aparecendo os editores, surgia em paralelo o interesse dos autores pelos direitos de suas obras. Contratos foram redigidos pelos editores e autores, beneficiando ambos. As letras começam a ser remuneradas (muito mal, mas remuneradas), traduções e obras por encomenda aparecem com mais frequência.

Este movimento transformador na literatura culmina na formação da Academia Brasileira de Letras que como principal intenção reunir e canonizar escritores já consagrados.

Outra vertente é a publicação de livros didáticos. Destacando a formação das escolas no império de D. João VI e com isso a necessidade de livros didáticos, Lajolo e Zilberman (1996) afirmam que o livro didático é o primo-pobre da literatura, texto para ler e botar fora, descartável. Por outro lado, ele é o primo-rico das editoras. Não deixando de ser um formador de leitores, vinculado a todas as etapas da escolarização passando a ser o propulsor não só da ampliação e da formação do público leitor, mas da própria empresa editorial brasileira, percorrendo pelo papel da escola na formação dos seus leitores, vemos uma importante crítica ao mau desenvolvimento que a escola para seus discentes, a forma de tratamento a que eles são sujeitados, como se o processo didático e a formação precária dos professores.

Zilberman (1996) considera que ampliação da leitura e de bons leitores fundada com pela criação da Real Biblioteca, em 1814, com um acervo enorme, repleto da literatura clássica, mas com pequenos visitantes. Com esse passo D João VI dá um pontapé inicial para o surgimento de outras bibliotecas.

As autoras exemplificam o papel do livro didático com citações retiradas da literatura, trechos estes que enfatizam a experiência dos autores ou dos personagens na escola, com a didática dos seus mestres, do contato com a leitura das obras clássicas e principalmente a experiência com os autores dos livros didáticos.

Os livros didáticos inicialmente importados de Portugal não enfatizavam a realidade brasileira, traziam a somente a literatura portuguesa figurava nestas obras. Tardou para que a literatura brasileira fosse incluída nos didáticos. “Um dos efeitos previstos [dessa inserção] é integrar o indivíduo ao coletivo e à pátria, civilizando-o e tornando-o um cidadão útil à sociedade [...]” (LAJOLO & ZILBERMAN, 1996, p. 232).

De modo panorâmico, o livro em pauta permite ao leitor absorver o processo de formação das leitoras, buscando na literatura o modo como os autores ilustram as “mulheres que leem”. Observa, sociologicamente, o papel da mulher na sociedade do século XVIII e como se desenvolve a sua educação, pontuando o difícil acesso da mulher ao mundo dos livros. Contribuem para o enriquecimento da obra diversas citações, retiradas dos autores consagrados, apontando a mulher na sociedade e seu grau de instrução.

1.3. A LEITURA LITERÁRIA NA SALA DE AULA

A formação do sujeito leitor no ambiente escolar é de suma importância para seu processo educativo, pois quando a escola possibilita ao aluno o contato com bons textos capazes de provocar agradáveis momentos de leitura na escola ou em casa, sozinhos ou com outras pessoas. Em função de promover a leitura na escola é necessário uma diversidade maior de textos literários à disposição dos alunos, para que eles ampliem seus horizontes de leitura e de mundo. Por isso, este estudo relata a literatura de cordel.

Lajolo (1993), em seu livro do mundo da leitura para a leitura do mundo, afirma que a função do professor bem sucedido se confina ao papel de propagandista persuasivo de um produto (a leitura) que, sobre a avalanche do marketing e do *merchandising*, corre o risco de perder ao menos em parte sua especialidade.

Para a autora, técnicas para uso do texto literário em classe, para o convívio com o texto não existem, e as que assim se proclamam são mistificadoras, pois estabelecem uma harmonia só aparente, mantendo intacto, quando já instalado o desencontro entre leitor e texto. Como temos observado nas escolas públicas atendidas, este caso que segundo Lajolo (1993), talvez o professor seja peça secundária na escola de hoje e, conseqüentemente, não parece que ainda seja de sua competência fazer alguma coisa com o texto literário em sala de aula, pois já faz alguns anos que essa decisão é da competência de editoras, livros didáticos e paradidáticos. Com base nesses dados, a autora acredita que o texto na sala de aula é, geralmente, objeto de técnicas de análises remotamente inspiradas em teorias literárias de extração universitária, que, na escola, anula-se a ambiguidade, ou o meio-tom, a conotação.

De acordo com Lajolo (1993), no que diz respeito à leitura literária, não se deve fugir a alguns encaminhamentos mais tradicionais no ensino da literatura. A inscrição do texto na época de sua produção, por exemplo, dão acesso a uma historicidade muito concreta e encarnada, a qual se cola a obra de arte, a favor ou não das intenções do autor. A inscrição do texto, do conjunto dos principais juízos críticos que sobre ele se foi acumulando, é indispensável, pelo fato de fazer o aluno vivenciar a complexidade da instituição literária. Outro caminho também necessário é a inscrição do e no texto, no e do cotidiano do aluno, uma vez que este cotidiano abrange desde o mundo contemporâneo até os impasses individuais vividos por cada um, que podem nortear a direção do trabalho com o texto em sala.

Os alunos não leem e os professores também não; os alunos escrevem mal e os professores também, mas eles,

E o bocejo que oferecem à nossa explicação [...] é incômodo e submersível, por que analisa nossos impasses. Mas sinalizando, ajuda a superá-los. Pois só superando-os é que em nossas aulas se pode cumprir, da melhor maneira possível, o espaço de liberdade e subversão que, em certas condições, instaura-se pelo e no texto literário (LAJOLO, 1993, p. 16)

Outro desafio a ser enfrentado, para a concretização da prática social da leitura literária é o bom funcionamento da biblioteca escolar alega a escola pesquisada. A organização, a funcionalidade dos seus serviços e a presença de um profissional capacitado não só para a função técnica de catalogação dos volumes do acervo, zelo pela sua conservação, composição de fichários para consulta de usuários, controle de entrada e saída dos livros, mas também para ler, sugerir e incentivar a prática da leitura literária. Esse incentivo pode se manifestar em forma de oficinas literárias, de minicursos, de grupos de contadores de histórias, de dramatização e encenação de textos literários, entre outros recursos, que, de alguma, despertem nos alunos o interesse pela leitura.

A respeito dessa nova postura que devem assumir as bibliotecas, Ghilardi, Escarpitt e Baker assim se manifestam:

[...] é indispensável que a biblioteca assuma uma nova postura. Evidentemente só isso não será suficiente. Mas constituíra um importante ponto de apoio [...] torna-se urgente que os bibliotecários repensem o próprio conceito de biblioteca. E redimensionem a sua atuação profissional. É preciso romper o autoritarismo, tanto da instituição, quanto dos profissionais que ali servem (GHILARDI, 1999 p. 90 – 91).

[...] é preciso que a biblioteca – não mais apenas depósito, mas também centro de distribuição – abra-se para o público e atraia gente para os grupos [...] a biblioteca precisa ser um fórum onde os livros [...] exprimem as alegrias, os sofrimentos e as preocupações da vida diária, seja nos esportes

ou na política, na tecnologia ou no amor, nos problemas sociais ou religiosos (ESCARPITT; BAKER, 1975, p. 143).

Dessa forma, é aconselhável que se somem recursos materiais e humanos para que a prática social da leitura literária seja atividade priorizada na escola e indicada não por aqueles que mandam ler, mas por quem tem paixão pela leitura literária e, sobretudo, conhecem os caminhos para incentivá-la.

A leitura do texto literário permite o envolvimento de sentimentos como a emoção, o prazer e o deleite, revelados pela maneira que o texto literário se organiza: fugindo ao padrão hegemônico dos textos em circulação, exigindo habilidades e conhecimentos específicos dos leitores para desvendar o repertório desestabilizado pelo autor.

O ato de ler, nesse contexto, torna-se uma “ação intelectual”, uma vez que mobiliza os conhecimentos e as experiências prévias do leitor para codificar a informação veiculada pelo texto, materializando-se na apropriação do mesmo. Essa experiência é sentida pelo corpo e faz o sujeito se tornar ativo frente ao contexto histórico-social do qual faz parte, ao passo que adquire uma independência maior de leitura. A prática de leitura do texto literário, segundo Candido (1972, p. 3), “[...] serve para ilustrar em profundidade a função integradora e transformadora da criação literária com relação aos seus pontos de referência na realidade [...]”, visto que

mostra como as criações ficcionais e poéticas podem atuar de modo subconsciente e inconsciente, operando uma espécie de inculcamento que não percebemos. Quero dizer que as camadas profundas da nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar. (CANDIDO, 1972, p. 4)

Dessa maneira, a literatura é humanizadora, pois age como “[...] o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela – com altos e baixos, luzes e sombras [...]” (CANDIDO, 1972, p. 4), no entanto, para que logre seus frutos é necessário que não seja vista e, principalmente, utilizada como apêndice, como pretexto de instrução moral e cívica, devendo, portanto, desvencilhar-se do olhar pedagógico-ideológico que a veicula como “[...] o Verdadeiro, o Bom, o Belo”. Assim, o texto literário, no ambiente escolar, não deveria ser utilizado como pretexto para outras atividades e integrar o livro didático, promovendo a visão de que este é enfadonho, desinteressante e sem importância, e de que o texto literário ou seu fragmento só serve para reforçar as habilidades linguísticas, a transmissão de sequência de autores e estilos de época, o ensino de gramática, a prática de leitura

e interpretação de texto, o que o torna menos acessível e nem um pouco prazeroso aos alunos.

Desse modo, na utilização do texto literário em sala de aula não se observa o ensino de literatura como exploração das potencialidades da linguagem, nem da literatura-prazer que conduzirá o aluno a compreensão da realidade, pois tais exercícios podem desvelar “[...] a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada [...]” (COSSON, 2014, p. 16) e, assim, provocar uma ruptura da ideologia reinante e um atrito com o mercado editorial. Ideologia que encontra moradia nos livros didáticos; bem cultural da humanidade que propaga discursos uníssonos, pautados em uma única e já formulada interpretação, que pretendem apresentar um mundo simétrico, lógico, coerente e homogêneo – sempre sob a mesma abordagem.

Tais mecanismos não se preocupam em resgatar os conhecimentos obtidos dos alunos e as experiências que neles estão incutidas para o estudo de novos conteúdos, engessam a criança para a leitura que se exige que faça, reduzindo a atividade de ler a uma atividade passiva, sem fins conscientes e ativos.

A instituição escolar, por meio do livro didático, ignora que o leitor, além do plano educacional, vive no plano real de uma existência particular e concreta, estando sujeito às intempéries da vida, que não constam nos modelos idealizados nos livros didáticos, mas sim no arsenal literário. Sendo assim, a escola deveria proporcionar ao aluno o contato com livros de caráter estético que ofereçam uma visão crítica do mundo, uma vez que o conduzirá a oportunidade de vivenciar a história e colocar-se em ação por meio da imaginação e descartar o uso impositivo e sistêmico dos livros pedagógicos e utilitaristas, visto que os textos ou fragmentos de textos literários utilizados pelos livros didáticos buscam converter a “[...] narrativa artística em um artefato de utilidade imediata.” (SANTOS; SOUZA, 2004, p. 82).

Dessa maneira, Cosson (2014) destaque que vinculada à tradição grega de utilizar os textos literários como veículos moralizantes e a fórmula horaciana de unir o útil ao agradável, a literatura, no decorrer da humanidade, adquiriu um viés utilitário que perpassou e perpassa toda prática escolar; o que conduz a cristalização do ensino com um duplo pressuposto “[...] a literatura serve tanto para ensinar a ler e a escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo.” (COSSON, 2014, p. 20). Para que tal envolvimento ocorra, faz-se importante que aluno e professor estabeleçam uma livre interpretação e na liberdade que legitima o ato de ler.

É necessário ainda que o professor ultrapasse a inevitável escolarização da literatura e do ensino, já que “não há como ter escola sem escolarização de conhecimento, de saberes, artes já que essas são responsáveis pelos currículos, matérias e disciplina” (SOARES, 2006, p. 20). Cabe, assim, ao professor não se mostrar passivo à escolarização ou negá-la, mas promover um ensino que não a deturpe, distorça, falseie, ou seja, o que devemos criticar não é o processo de escolarização que institui o estudo da literatura na escola, mas a maneira errônea e inadequada concedida a ela em sua didatização.

Sendo assim torna-se imprescindível na prática pedagógica o contato com o texto literário na íntegra e a leitura individual bem como de qualquer preocupação conteudística. O professor, agente mediador desse contato, deve possibilitar que o texto dialogue com seu leitor, que ele encontre as indicações que cada texto traz em sua composição, marcas que farão cada leitor reagir individualmente a um texto, tornando a leitura do texto literário um ato individual e social. Ao permitir tal contato, estabeleceu-se a função primeira da literatura que é a de:

propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando em uma atitude de gratuidade. (CANDIDO, 1972, p. 53)

A escola compete auxiliar e desenvolver no aluno sua formação leitora, de modo a levá-lo a perceber o texto literário como reflexo de seus sentimentos; manifestação ativa da cultura de uma sociedade e veículo que transmite um ser/estar no mundo (FREIRE, 2008), ilustrando que “[...] a leitura, como muitas coisas boas da vida, exige esforço e que o chamado prazer da leitura é uma construção que pressupõem treino, capacitação e acumulação.” (AZEVEDO, 2004, p. 38).

Além de possibilitar ao trabalho docente, alternativas metodológicas contextualizadas e significativas para a aprendizagem do aluno, motivando-o à leitura, por suprimir “a fragmentação dos conhecimentos, a redundância excessiva de tópicos, a dispersão do processo de aprendizagem, [produzindo um] círculo vicioso em que os mesmos conteúdos são permanentemente ensinados e nunca aprendidos” (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 36).

Portanto, o trabalho com o texto deve preconizar uma leitura interativa em que “leitor e autor se aproximam por meio do texto” (BRITO, 2001, p. 22) possibilitando ao primeiro realizar “um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a

partir do seu projeto de leitura, do seu conhecimento prévio sobre o assunto e/ou sobre o autor” (BRITO, 2001, p. 22). A explanação das alternativas visa salientar a importância do texto literário e da leitura serem vistos e utilizados não mais como uma atividade de decodificação, mas sim, como atividade preditiva para qual o leitor possa utilizar-se de seus conhecimentos internalizados e adquiridos enquanto sujeito social.

CAPITULO II- ANÁLISE DA PESQUISA

Essa pesquisa é um estudo de caso, com pesquisa qualitativa descritiva com utilização de levantamento bibliográfico, questionário e também com atividades e com pesquisa quantitativa relatando os percentuais de conhecimentos dos alunos em relação a leitura, literatura e literatura de cordel, assim como enfatizando a importância a literatura de cordel de maneira mais lúdica e prática no âmbito da sala de aula.

O procedimento metodológico dessa pesquisa, consistiu em realizar 06 (seis) atividades na escola Estadual de ensino Fundamental e Médio Enedina Sampaio Melo do Município de Igarapé-/PA, conhecida como ESAM, numa turma de 20 (vinte) alunos, que possuem faixa etária entre 11(onze) e 13 (treze anos de idade), são do 6º Ano "A", do ensino fundamental, turno manhã, no período de 11/05/2018 à 15/06/2018, onde foi executado a um projeto "**Literatura de Cordel na Escola Enedina**", com várias atividades de literatura de cordel, onde foi desenvolvida atividades diversificadas, por meio do gênero cordel e produção de textual.

2.1 SOBRE O LOCUS DA PESQUISA

O Município de Igarapé-Miri/Pará, está localizado no Nordeste Paraense zona do baixo Tocantins, contém uma área territorial de 2.000,739 Km², de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2014 (IBGE, 2014), o Município de Igarapé-Miri/PA, tem 59,998 habitantes. Igara. Os habitantes se chamam igarapemiriense. (LOBATO, 2007).

A cidade limita-se ao norte com o município de Abaetetuba, a leste com o município de Moju, ao sul com Mocajuba, e a oeste com o município de Cametá. Situado a 10 metros de altitude, de Igarapé- Miri/PA, as coordenadas geográficas do município Latitude: 1° 58' 37" Sul Longitude: 48° 57' 34" Oeste. (LOBATO, 2007).

Caracteriza-se por ter uma economia baseada no extrativismo vegetal mais precisamente o açaí, que resultou na denominação de Capital Mundial do Açaí, O setor público é o principal empregador, havendo um grande índice de desemprego resultante de uma estrutura social, onde a exclusão é cada vez maior. (LOBATO, 2007).

Figura 01 – Localização da escola ESAM em Igarapé-Miri



Fonte: Google Maps/2018

A Escola de Ensino Fundamental e Médio Enedina Sampaio Melo do Município de Igarapé-/PA, conhecida como ESAM, fica localizada na cidade de Igarapé-Miri/PA, Travessa Coronel Vitória, s/nº, Bairro perpetuo Socorro, CEP 68430000, telefone 375513138. Atende duas etapas da Educação Básica de ensino: ensino fundamental (6ª a 9ª ano) e ensino médio (1º a 3º ano), assim como atende as modalidades de EJA e educação especial. Funciona em três turnos, contendo 14 salas de aula e um total de 776 alunos,

A escola é liderada pelo conselho escolar, estando no topo do organograma da escola, como órgão representativo da comunidade escolar e um dos mecanismos de gestão descentralizada que a escola possui. Em seguida atribui as decisões da escola a equipe gestora em casos que não seja necessário consultar o conselho. Depois, as atribuições são para professores e alunos e no final do sistema hierárquico escolar estão os pais e comunidades.

A equipe gestora é formada Por duas direções (uma no ensino fundamental e outra no médio), vice-direção, pelo setor pedagógico e pelo setor administrativo e tem a responsabilidade de gerenciar todos os processos administrativos, técnicos e pedagógicos da escola. Enquanto que os professores e alunos são elementos fundamentais nas ações educativas desenvolvidas no espaço escolar. Já os pais e comunidades são vistos, pelo sistema que tem como principal função garantir que a escola atue o processo democrático da instituição educacional.

No estabelecimento de ensino são realizadas reuniões de planejamento

pedagógico, reunião da gestão com o corpo administrativo para avaliar as ações escolares, reunião de pais e mestres, reunião da coordenação pedagógica com o AEE (Atendimento educacional especializado).

É importante ressaltar que o ensino fundamental em parceria com a Secretaria Municipal de Educação oferece aos seus educandos o programa mais educação do governo Federal, atendendo estes com 03 (três) turmas no contra turno, sendo ministradas oficinas de Letramento, matemática, dança, futsal e voleibol. Além de desenvolver outros projetos na escola em parceria com o Ensino Médio para serem apresentados na feira científica e cultural do município e outros eventos que a escola promove.

Dessa forma, a instituição educacional acima mencionada, trabalha por meio de atividades diversificadas envolvendo a interdisciplinaridade, assim como desenvolve projeto de leitura, feiras científicas e atua com programas do Governo Estadual e Federal como: Mundiar para o ensino médio, o mais educação para o ensino fundamental e os Jogos esportivos que é tanto para o ensino fundamental quando para o médio. A mesma é mantida pelo Programa Dinheiro Direto da escola- DDE do Governo Federal, pela SEDUC e pela SEMED.

2.2 PROJETO: LITERATURA DE CORDEL NA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO ENEDITA SAMPAIO MELO NO MUNICÍPIO DE IGARAPÉ-MIRI/PA.

Trabalhar com projetos de leitura auxilia na maximização da aprendizagem dos alunos, auxiliando na ampliação de repertório argumentativo, histórico e cultural dos alunos. Além disso, apesar do nome, os projetos de leitura auxiliam em vários objetivos para o desenvolvimento de habilidades dos alunos como escrita, leitura, audição, reescrita, releitura, entre outros. Com a Literatura de Cordel é resgatar a cultura.

Analisando a importância e a diversidade que é a arte brasileira e como ela retrata a cultura e vivência de um povo buscou-se através deste projeto destacar a importância que a arte brasileira destaca no cenário brasileiro e até mundialmente. Destaca também que os motivos que surgiram na sociedade atual, como a Indústria Cultural que primeiramente causou impacto, mas que, entretanto serviram como auxiliares na sua difusão e que também poderão ser utilizados como recursos em

sala de aula para que os alunos do 6º ano do ensino fundamental recebam o Cordel e o julgam a sua importância para a arte brasileira. Desenvolvendo suas habilidades orais, criação de textos, uso de rimas, criatividade e boa apresentação em público.

A Literatura de Cordel pode ser considerada uma das mais complexas manifestações culturais do Brasil. O significado de seu nome obteve-se em Portugal, pois, quando eram expostos ao público, era amarrado em cordões, este se encontravam em ruas, feiras e pequenas lojas.

Conforme Santos (2005), o Cordel chegou a América Latina através de colonizadores portugueses e espanhóis. O Cordel em Portugal era chamado de “Folhas Soltas”, na Espanha era conhecido como “*Pleitos Suelos*” e na França “*Littérature de Colportage*”. Quando chegou ao Brasil ficou conhecido como Folheto de Feira ou Literatura Popular em versos.

Conforme Santos (2005 p. 86):

A literatura popular (folhetos de feira ou ainda folhetos de cordel), no Brasil, surgiu aproximadamente em 1890, nas feiras nordestinas. De modo geral os folhetos de cordel são textos em versos com impressão em folhas de papel de baixa qualidade dobradas e encadernadas, com capas ilustradas em xilogravuras, desenhos ou ainda imagens de jornais cujo formato e quase sempre 11x16 cm, com 8, 16, 32 e 64 páginas (é considerado folheto de 8 e 16 páginas, e partir de 24 páginas e chamado de romance). Os folhetos de cordel são impressos, tradicionalmente, em oficinas de tipografia.

Ainda conforme Santos (2005), os Cordéis eram baseados em narrativas europeias medievais que eram contadas em voz alta. Seus assuntos eram os mais variados possíveis relatando fatos políticos e sociais, eram lendas, histórias eruditas, romances, fatos históricos, viagens, guerras, confrontos entre o bem e o mal. Aos poucos o Cordel foi baseando-se na vivência nordestina no Brasil, criando dessa forma raízes características, percebe-se isso pela utilização de temas como secas e enchentes servindo como relatos das histórias.

Segundo Santos (2005), o qual relata o cordel surgiu no Brasil sob influência dos colonizadores portugueses, chegou primeiramente em Salvador para em seguida se espalhar para as demais regiões do Nordeste brasileiro. Há uma observação importante neste contexto de que primeiramente o Cordel não era escrito e sim feito em versos e rimas, geralmente cantado pelos seus compositores, pois, ainda não havia chegado a imprensa no Brasil. Destaca-se a ideia de que o Cordel nos dias de hoje pode ser considerado uma mídia popular, ou seja, pode ser considerado o precursor dos meios de comunicação. Antes do surgimento das tecnologias atuais (televisão, internet, rádio) o povo do nordeste principalmente os

que moravam na roça já utilizavam o Cordel para retratar suas histórias. O Cordel também passa a obter uma função informativa.

Percebe-se através do pressuposto acima a importância do Cordel para a divulgação de informação e como consequência o surgimento de novos meios de comunicação além de ser considerada uma forma de reprodução de cultura.

A partir disso, percebe-se a importância da cultura para a Literatura de Cordel, como retrata Assis & Tenório (2012, p.04):

A cultura é o que dá sentido à vida humana. Todo ser humano é dotado de cultura, e esta é sua essência, a cultura é construída na vida e em sociedade e é pelo meio social que a transmitimos e a transformamos. As diferentes culturas interagem e a todo o momento, revelam traços umas das outras.

A partir daí procura-se compreender algumas definições de cultura, levando em conta que alguns autores fazem considerações diferenciadas sobre o assunto. Para Silva & Souza (2006 p.16) “cultura é o registro de um povo, representando uma maneira de pensar e agir diante do mundo, ao passo que o indivíduo se vê percebe-se também a sociedade em que vive”. A citação relata claramente o objetivo do cordel, de que retratava as histórias vivências pelo próprio povo nordestino.

Já para Oliveira (2002 p. 156) “a cultura não é sempre a mesma. Apresenta forma e características diferentes no espaço e no tempo”. Ou seja, cada grupo tinha sua própria forma de representação.

Este é o fator primordial do Cordel, e que a partir de seu surgimento no Brasil alcançou grande proporção e espalhou-se por várias regiões, percebe-se isso com a citação de Santos (2005 p.86): “Se antes o folheto interessava somente ao público nordestino hoje ele soube conquistar o mundo moderno e seduz tanto os pesquisadores nacionais, como os internacionais, universidades, escolas, colecionadores e turistas.”.

Entretanto, no decorrer do tempo em que o Cordel passou a se disseminar pelas demais regiões do país, começou a ser criada uma falsa identidade do Cordel, que Assis & Tenório (2011) chamou de “Sete Mitos do Cordel”

Segundo Assis & Tenório (2011), o primeiro mito era: para ser Cordel tinha que ser vendido pendurado em um cordão, este mito é baseado em uma visão cultural, porém, tradicional, estes folhetos eram pendurados inicialmente em cordões geralmente em feiras, porém com o tempo os folhetos passaram a estar em muitos lugares, por isso esta é uma visão equivocada do Cordel.

O segundo mito é que todo Cordel deve ser ilustrado com xilogravura a xilogravura começou a ser utilizada somente para baratear os custos, mas isto não significa que não poderia ser feita de outra maneira.

O terceiro mito era que tinha que ser impresso somente em papel jornal, é certo dizer que até o surgimento das máquinas de xérox inicialmente os Cordéis eram impressos em folhas de papel jornal, entretanto após a popularização não só destas máquinas, mas também das impressoras os métodos e os papéis para impressão passaram a ser os mais variados.

Ainda conforme o autor, o quarto mito era que todo Cordel era escrito em linguagem matuta, ainda há muita discriminação com o Cordel, muitos acreditam que o cordel era somente escritos por semianalfabetos ou por pessoas com um pequeno repertório verbal. Havia muitos escritores de Cordel que possuíam pouca escolaridade, mas isto não significava que não sabiam escrever histórias, há também o fator de que os escritores queriam deixar suas histórias mais cômicas e acabavam usando um palavreado mais rústico.

O quinto mito mostra que o Cordel só fala de coisas relacionadas ao meio rural, há um equívoco muito grande de que os cordelistas retratavam somente os lugares e os personagens referentes aos lugares em que moravam. Este é um grande erro principalmente dos pseudopesquisadores que como Assis & Tenório (2011) diz “os que não leem Cordel”, pois desde o início do surgimento do Cordel os temas eram os mais variados possíveis, desde histórias criadas pelos próprios autores até histórias envolvendo fatos com presidentes.

Assis & Tenório (2011) ainda fala do sexto mito envolvendo Cordel, que diz que só escreve Cordel quem é nordestino, é necessário ressaltar que o Cordel faz parte do nordeste, mas com a intensa difusão chegou a outras regiões. E o sétimo e último mito denomina o Cordel como poesia inferior, muitos confundem o baixo custo, os lugares onde são escritos, as regiões da onde o Cordel surgiu com uma escrita inferior e sem muito valor, muitos não percebem a riqueza popular do Cordel principalmente para a Arte Popular brasileira, por isso não dão seu devido valor.

Mas qual seria a relação da Literatura de Cordel com a arte propriamente dita? A resposta é tudo! O Cordel tem como grande aliada a Arte, pois, primeiramente a ilustração dos livros/histórias de Cordel eram confeccionadas através da xilogravura, como foi visto no texto inicialmente era contada através da oralidade e muitas vezes em músicas. Analisando estes aspectos percebe-se a

questão de que o Cordel além de pertencer ao campo da Literatura também está inserido no campo artístico, que se encaixa como arte popular.

Percebe-se desta forma um caráter interdisciplinar da Literatura de Cordel destacando-se principalmente no campo artístico, este assunto pode contribuir para a compreensão artística principalmente nas escolas, auxiliando aos alunos na assimilação artística através de diferentes assuntos, conforme as Diretrizes Curriculares da educação Básica de Artes – DCE (2008, p. 26):

Desta perspectiva, estabelecer relações interdisciplinares não é uma tarefa que se reduz a uma readequação metodológica curricular, como foi entendido no passado, pela pedagogia dos projetos. A interdisciplinaridade é uma questão epistemológica e está na abordagem teórica e conceitual dada ao conteúdo em estudo, concretizando-se na articulação das disciplinas cujos conceitos, teorias e práticas enriquecem a compreensão desse conteúdo.

Já conforme Assis & Tenório (2011, p.312)

Nos últimos anos, identifica-se a utilização de novos métodos e técnicas para o ensino, pautadas em diversas tecnologias, sejam elas contemporâneas ou tradicionais. Ou seja, o uso de linguagens alternativas e novas formas de apresentar conteúdos. Entre eles, destacamos aqui, a literatura de cordel, como linguagem alternativa para promover significado ao ensino. Um dos pontos mais relevantes acerca desse tipo de literatura que destacamos aqui é a sua relação com a perspectiva interdisciplinar. A interdisciplinaridade consiste na junção de componentes curriculares ou áreas de conhecimento diferentes, tendo como objetivo a construção do conhecimento conjunto. Diante da falta de integração das mais diversas disciplinas, surge a interdisciplinaridade, como recurso que reformula o paradigma epistemológico da construção do conhecimento. Tal fragmentação provém da doutrina positivista, que dividiu as ciências em várias disciplinas.

Na área educacional, o Cordel pode exercer funções que despertem o interesse dos alunos até mesmo para a compreensão da arte regional brasileira já que a Arte nordestina muitas vezes é discriminada nas demais regiões do Brasil. Percebe-se que na prática o interesse maior na técnica utilizada na ilustração das técnicas do Cordel. A gravura é a herança do Cordel mais usada no campo artístico, entendida através dos alunos como um simples carimbo. Entretanto o assunto pode ser utilizado na teoria percebendo as diferenças entre a Arte Popular e a Arte Erudita.

Segundo as DCE (2008, p.59) de Artes:

Arte popular é aquela produzida e vivenciada pela classe trabalhadora, por grupos sociais (menos favorecidos) e étnicos, e compõem um espaço de sociabilidade que constitui a identidade dessas classes e desses grupos. Neste campo, inclui-se o folclore que tem a particularidade de ser uma

manifestação artística a qual permanece por um tempo maior na história de uma determinada cultura.

A Literatura de Cordel é uma Arte popular, pois os artistas muitas vezes não têm formação artística nenhuma, são poucos os que possuem uma formação específica e que continuam trabalhando neste ramo, muitos não completaram seus estudos, porém, tem um grande potencial artístico e alguns trabalhos são considerados mais belos do que muitas obras de arte. Na maioria das vezes, o sustento das famílias desses artistas populares vem do próprio Cordel.

As DCE de Arte (2008, p.59) também definem a Arte Erudita que é o oposto da Arte Popular:

A Arte Erudita é ensinada, difundida e consagrada nos cursos de graduação como a grande arte, tais cursos formam tanto artistas quanto professores de Arte, profissionais, que dessa maneira, passam igualmente a difundi-las. Sua principal forma de divulgação e distribuição são os museus, teatros, galerias, salões de artes, bienais, etc. Legitima-se por meio dos críticos de arte e da circulação por meio das vendas de suas obras a uma elite financeira. Essa forma de arte tem um campo de ação restrito, por estar disponível quase que exclusivamente para uma pequena parcela da população que possui grande poder aquisitivo.

A Arte Erudita é mais requintada e prestigiada pelo público. Mesmo sendo adquirida por uma parcela menor de pessoas, principalmente as que possuem uma melhor condição financeira a Arte Erudita muitas vezes é considerada superior a Arte popular

A leitura oral de poemas pode representar de início uma dificuldade tanto para o professor quanto para os alunos. Principalmente a poesia moderna por sua ausência de pontuação e de uma direção de leitura. Mas, como veremos, desde a sua origem, a representação do poema em voz alta é para o desenvolvimento da leitura e da escrita dos alunos. Nesse sentido a Literatura de Cordel facilita o aprendizado devido ao seu ritmo e da aproximação da poesia popular com os acontecimentos reais dia a dia e por ser de uma linguagem próxima do cotidiano do aluno.

A leitura oral de cordéis possibilita também que os alunos percebam a beleza da cultura popular através da experiência concreta de leitura das mais variadas obras em vez de se apegar a modelos teóricos que futuramente são facilmente

confrontados com outros estudos. No entanto, vale salientar que o próprio gênero cordel surgiu da modalidade oral.

Segundo Abreu (1999) remonta a formação da poesia Nordestina, a literatura de cordel possui um caráter fortemente oral tanto na composição quanto na transmissão. É comum as apresentações orais de narrativas, poemas, charadas e disputas desde o século XIX e os últimos anos da década de 1920. Os cantadores em geral se agrupavam nas casas-grandes ou em residências urbanas organizando festejos para participarem de desafios (denominados *peleja*), ou cantar versos próprios ou alheios.

Surgem outras modalidades orais além das pelejas como o côco que segundo Sobrinho (1982) são cantados por participantes “em salões e terreiros ao som de zabumbas e ganzás. Nessa função cabe aos tiradores cantar a parte improvisada e os ajudantes cantam os estribilhos”. O folheto impresso demorou a surgir porque esses poetas escreviam suas composições em tiras de papel ou em cadernos, mas não tinha a intenção de publicá-los como folhetos. No entanto, por volta de 1930 a publicação de folhetos passou a ganhar grande importância. Muitos desses poetas depois que conseguiram editar e vender seus folhetos passaram a se dedicar mais a produção de seus versos e assim se originaram os cordéis que hoje temos acesso nos mais variados temas.

Pensando nessas modalidades orais da poesia popular e aproveitando os tão diversificados temas que são tratados nos folhetos, o cordel deve ser uma das opções de leitura na sala de aula. Para isso, é preciso lembrar que do mesmo modo que os cordéis nasceram na oralidade precisam também ter uma realização oral adequada. Restringir o folheto à leitura silenciosa é limitar seu poder de comunicação enfraquecer sua recepção. É preciso dar a voz ao folheto de cordel em sala de aula. Sobre essa metodologia de leitura Pinheiro (2007) nos sugere:

Nossa perspectiva busca enfatizar o folheto como literatura e não meramente como informação, jornalismo e outras abordagens de caráter pragmático. Qualquer que seja a escolha, um aspecto precisa ser reforçado: o folheto é para ser lido. Ele pede voz. A sala de aula no parece bastante adequada para vivência da leitura de folhetos, uma vez que poderá ser transformada num lugar de experimentação de diferentes modos de realização oral. (PINHEIRO, 2007, 39)

A leitura oral então se faz necessária para criar um contato com o texto literário e não apenas com informações sobre o texto de literatura, contribuindo assim para um leitor reflexivo a partir da experiência.

No período de 11 Maio a 15 de Junho de 2018, foi apresentado

1ª e 2ª- Atividades o livreto de literatura de cordel “A saga de Dom João VI (O rei de Portugal) do autor Leonardo Lucas Filho de Deus’;

3ª e 4ª- atividades o livreto de literatura de cordel e discutindo a Lei 10.639/2003² em sala de aula do autor Antônio Barreto;

5ª e 6ª- atividade o livreto de literatura de cordel “Respeite a Diversidade Pro Brasil Crescer Melhor do autor Izaias Gomes”.

² Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio.

CAPITULO III ANÁLISE E RESULTADOS

3.1 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Esta pesquisa realizada inicialmente com atividades durante os meses de maio e junho de 2018, quando a pesquisadora foi ao lócus e fez várias atividades práticas diversificadas, usando os gêneros cordel nas atividades textuais, no período da execução das atividades vivenciada em sala de aula, foi entregue a 20 (vinte) alunos do 6º ano do ensino fundamental um questionário com 04 (quatro) questões abertas e fechadas. Após o preenchimento do questionário, a pesquisadora recebeu dos discentes todos. Os quais iriam ser feita a tabulação dados, fim de se ter um panorama da situação, de entendimento dos discente em relação a leitura, literatura e literatura de cordel.

3.2 AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS EM SALA DE AULA COM OS ALUNOS

No período de 11 de maio a 15 de junho de 2018, foram desenvolvidas em 06 dias com 6 (seis) atividades, sendo cada atividade realizada em dois dias, compreendida em 04 horas aulas cada atividades, cujo o textos básicos foram três livretos de cordéis”, A primeira atividade foi com o livreto de literatura de cordel “ A saga de Dom João VI (O rei de Portugal) do autor Leonardo Lucas Filho de Deus’; a segunda atividade foi com o livreto de literatura de cordel “Discutindo a 10.639/03 em sala de aula do autor Antônio Barreto” e a terceira atividade foi com o livreto de literatura de cordel “ Respeite a Diversidade Pro Brasil Crescer Melhor do autor Izaias.

Assim, nos dias 11 e 18 /05/2018, foi executada a primeira etapa do projeto, iniciou com uma Roda de conversa.

Nº	Atividade
01	Roda de conversas
02	Aplicação de questionário
03	Apresentação de vídeo
04	Produção textual
05	Apresentação de modelos de livretos
06	Roda de leitura

Fonte- Própria

No iniciou da atividade do dia 11/05/2018, iniciamos nossa roda de conversa, entregando aos alunos um questionário com 04 (quatro) perguntas, onde algumas eram abertas e outras fechadas e pediu-se a eles que respondessem as perguntas listadas no questionário, as quais serviriam somente para fins de pesquisa,

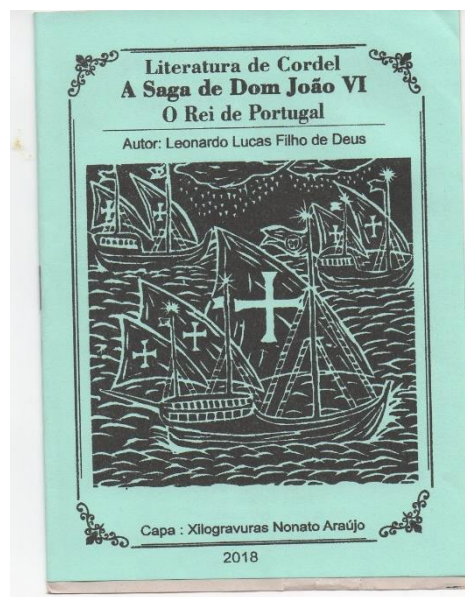
esclareceu-se ao discente que em nenhum momento suas respostas seriam julgadas como certas ou erradas, mas pediu-se que os educandos não deixassem as respostas em branco, se tiver alguma dúvida em responder podia pedir alguns esclarecimentos à pesquisadora.

Em seguida seria orientação sobre as etapas das atividades e iniciamos a Roda leitura de textos de literatura de cordel, apresentando vídeos explicando sobre a estrutura deste tipo de texto, estimulando a produção textual, o uso da rima e a criatividade. Foram apresentados modelos de livretos de cordéis que abordavam vários temas, mas foram lidos apenas 03 (três) livretos que fizeram parte do projeto.

3.3 RESULTADOS DAS ATIVIDADES

No dia 18/05/2018, iniciou-se a atividade com a leitura do cordelista Leonardo Lucas Filho de Deus (2018), que tem como tema “A Saga de Dom João VI, o Rei de Portugal”. A pesquisadora distribuiu um exemplar para cada aluno e pediu que cada aluno lessem um verso e assim, todos os discentes fizeram iam lendo em sequência, após a leitura.

FIGURA- 02



Fonte: Deus Filho (2018)

Na roda de conversa houve vários comentários dos alunos em relação ao cordel, onde muitos mencionaram que estudar a história do Brasil, por meio da literatura de cordel, porque segundo eles o aprendizado se dá, através de prática lúdica foi lido o livreto.

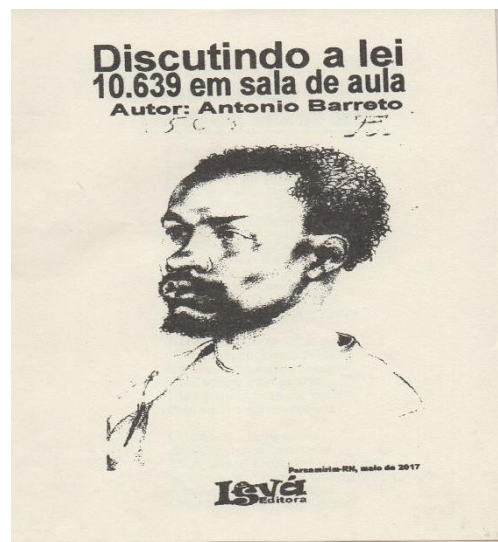
Porém na leitura alguns trechos foram fonte de conhecimentos e risos:
Exemplos:

[...]
D. João muito medroso
Não sabia o que fazer
Se era com os ingleses
Ou se ia obedecer
O tal louco imperador
Que não queria ceder
[...]
Sem elaborar ideias
Logo o rei se acovardou
Disse a Napoleão que
Sua aliança quebrou
E fechou-se seu portão
E fez o que ele ordenou.
[...]

Entramos em debate, por meio de uma aula dialogada, para explorar a questão histórica presente na leitura do cordel, mostrando o diálogo, através do apelo social da leitura de cordel e também foi frisado o teor da oralidade da literatura popular, onde podemos enfatizar que a leitura foi feita pelo próprio.

Nos dias 25/05/e 01/06/2018, trabalhou-se com atividade com a leitura do cordelista Antônio Barreto (2018), que tem como tema “Discutindo a Lei 10.639 em sala de aula”, onde foi distribuído um exemplar para cada aluno.

FIGURA- 03



Fonte: Barreto (2017)

Após a leitura da pesquisadora um aluno falou:

___ Professora tem dois trechos que dizem assim:

_____Então! Porque ainda não estudamos esta Lei? Será que nossa escola ainda não colocou no seu currículo? Li no livreto que essa Lei estabelece;

“No âmbito na educação,
O ensino obrigatório,
Nas escolas da Nação:
A história e cultura-afro,
Sem nenhuma restrição.

Então cabe à escola
No currículo adotar
A Cultura Africana
E a todos ensinar
A riqueza que possui
Este povo exemplar”

A pesquisadora aconselhou aos alunos para que eles se informassem sobre essa lei com os professores regentes em sua sala de aula e depois debater, por meio de diálogo e produções de corteis feitas por eles.

Nos dias 08 e 15/06/2018, trabalhou-se com atividade com a leitura do cordelista Izaias Gomes (2016), que tem como tema “Respeite a Diversidade Pro Brasil Crescer Melhor”. A pesquisadora distribuiu um exemplar para cada aluno disse aos discentes que cada verso fossem lidos por filas.

FIGURA- 04



Fonte: Izaias Gomes (2016)

Após a leitura os discentes falaram bastantes, pois conheciam muito o assunto da diversidade, segundo eles todos os professores em sala de aula dizem que eles não desrespeitem seus colegas, por qualquer razão seja, por raça, religião, deficiência física, mental, cor, gênero e outros a interdisciplinaridade quer fazer parte do cotidiano de nossos alunos. Isso nos dá uma grande diversidade para trabalharmos com estes alunos algo que faça um resgate cultural e, ao mesmo tempo, possa trazer benefícios no campo da leitura e da escrita, dando assim condições para esse aluno explorar o meio onde está inserido, buscando condições para favorecer seu aprendizado.

Começa a literatura de cordel dentro na escola não é uma tarefa fácil. Encontramos várias barreiras, por se tratar de algo oportunamente banal, e modesto ou ultrapassado para uma atualidade tão tecnologicamente globalizada. No entanto, tal situação tornou-se estimulante como desafio para resgatar a memória dessa literatura que faz parte de nossa cultura.

Porém, todos os objetivos desejados com esta pesquisa foram alcançados, os alunos conseguiram realizar inúmeras produções textuais utilizando rimas e muita criatividade, relatando diversos temas nas produções cordelistas. Envolveram-se com diversas atividades práticas, realizando-as com sucesso, onde foi desenvolvida a oralidade, a desinibição em público e inteiraram-se da cultura brasileira. Foi um trabalho que praticou a interdisciplinaridade e focou objetivamente nas produções dos alunos e na relação deles com os conhecimentos apreendidos.

Segundo Abreu (1992) a literatura de folhetos, também chamada de literatura de cordel, para atender a convenção que a tornou conhecida no mundo acadêmico a partir dos estudiosos. A literatura de cordel se constitui em uma das manifestações que, de forma “transparente”, expressa a memória coletiva, através dos valores e padrões que constroem seus sistemas de sentidos e significados.

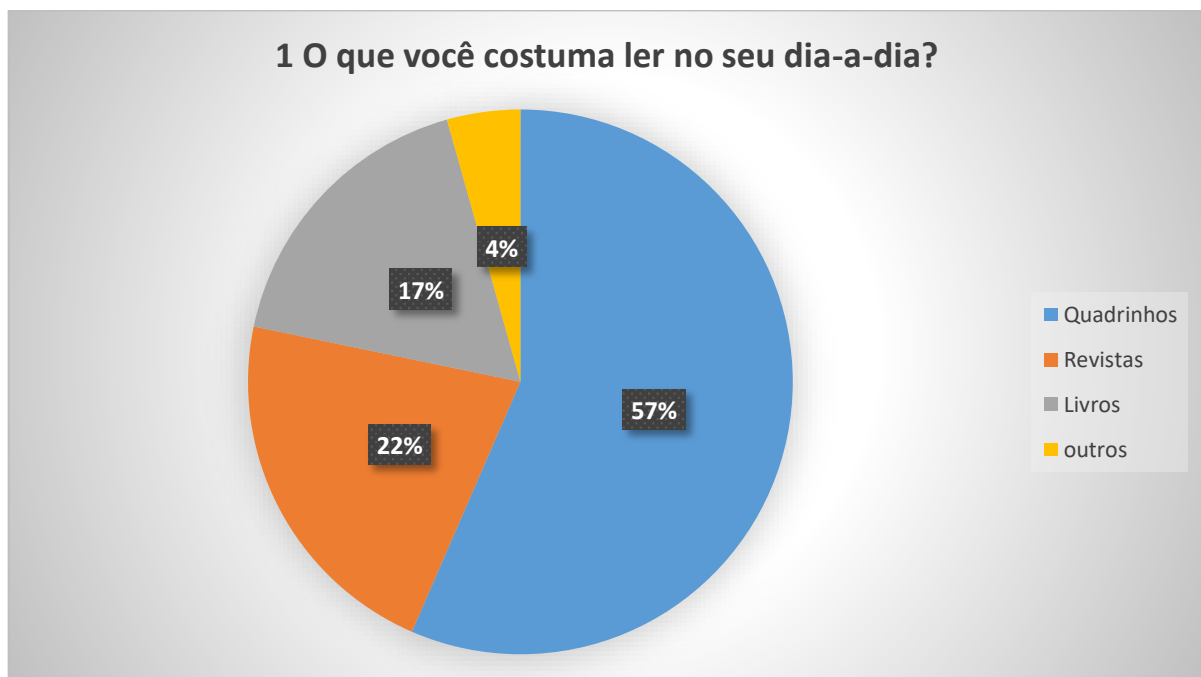
Constitui-se em uma tarefa difícil classificar tematicamente a literatura de cordel, pois os poetas demonstraram ao longo do tempo extrema habilidade em versar uma infinidade de temas. Entre a vasta e profícua temática versada na literatura de cordel, os poetas propalam temáticas diversas tais como: religiosidade, amor, honra, bravura, como também temas circunstanciais, tirados do dia-a-dia como: seca, enchentes, lutas políticas, crimes e façanhas. O poeta popular, sendo em sua maioria nordestino e homem do povo constitui-se assim, tal como um catalisador da representação do imaginário popular e da visão de mundo do povo,

utilizando-se do folheto para propagar assim os “conceitos e os pré-conceitos” populares em suas práticas sociais e culturais.

3.4 RESULTADOS DOS QUESTIONÁRIOS

Os gráficos abaixo mostrarão melhor a visão dos resultados obtidos a partir dos questionários. Considerando que eles foram sinceros ao responder o questionário, obtivemos os seguintes dados:

Gráfico – 01



Fonte: Própria 2018

Com base nos dados coletados, percebemos que os alunos têm o hábito de ler. Eles leem, principalmente, quadrinhos e revistas que, juntos, somam 79%, talvez pela acessibilidade, considerando a condição financeira da família. Ademais, esse tipo de material, além de ser consideravelmente acessível até mesmo para as classes menos favorecida, permite aos alunos fazerem um intercâmbio entre eles, o que lhes propicia acessar um maior número de volumes. Infelizmente, apenas 17% leem livros literários e quando o fazem, por motivo de trabalho pedido pelos professores.

A leitura, embora ação corriqueira nos dias de hoje, sobretudo nas regiões urbanas, não é natural. Não lemos comemos, respiramos ou dormimos. Para tanto, precisamos aprender o código escrito, socialmente aceito e a ter domínio sobre ele em todas as suas modalidades, quer práticas (como

propagandas, receitas, notícias, informações, anotações) quer estéticas (como narrativas e poemas) (AGUIAR, 1996, p.04).

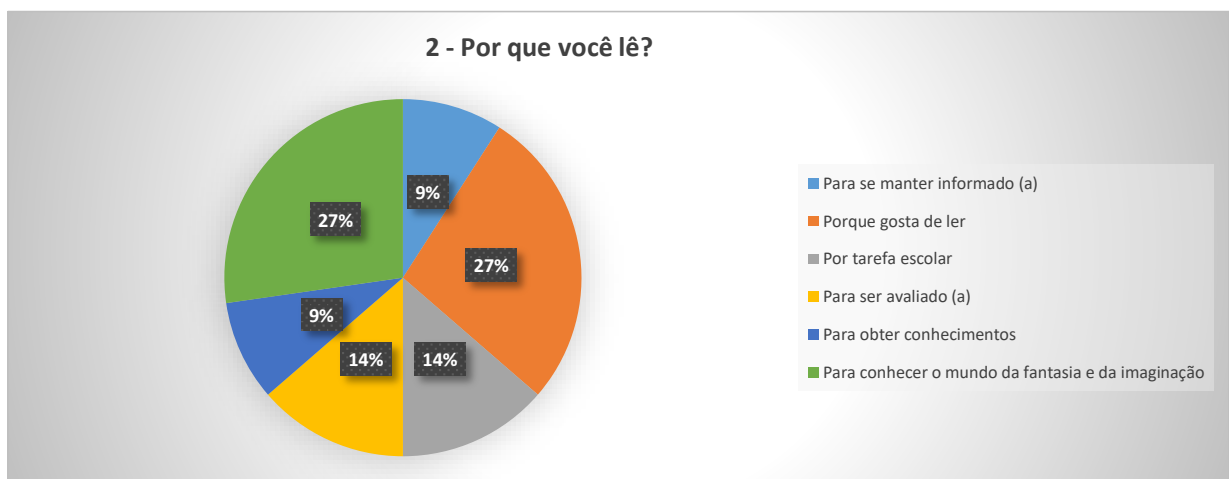
A leitura constitui também uma prática social, pela qual o sujeito, ao praticar o ato de ler, mergulha no processo de produção de sentidos, e esta tornar-se-á algo inscrito na dimensão simbólica das atividades humanas. Sendo assim, falar em atividades humanas, aqui, é tratar de uma linguagem, do recurso pelo qual o homem adentra o universo da cultura, configurando-se com um ser culto, racional e pensante.

A leitura é responsável por contribuir, de forma significativa, à formação do indivíduo, influenciando-o a analisar a sociedade, seu dia a dia e, de modo particular, ampliando e diversificando visões e interpretações sobre o mundo, com relação à vida em si mesma.

Para que isso de fato aconteça, é primordial que a leitura propriamente dita ocorra em ambientes favoráveis à sua aquisição, mas, acima de tudo, seja propiciada, respeitando o nível sociocultural do leitor. Para tanto, uma das ferramentas insubstituíveis, que condicionam esse aprender, é o domínio da linguagem, adquirido a partir da leitura e da escrita que, por sua vez, repercutirão em todas as áreas do conhecimento. (AGUIAR, 1996)

A leitura, parte fundamental do saber, fundamenta nossas interpretações e nos viabiliza a compreensão do outro e do mundo. É por meio do texto que adquire-se e formata-se posicionamentos, questionando acerca da potencialidade e opiniões de autores e assim refletir e formar nossos próprios conceitos e consequentes ilações.

Gráfico – 02

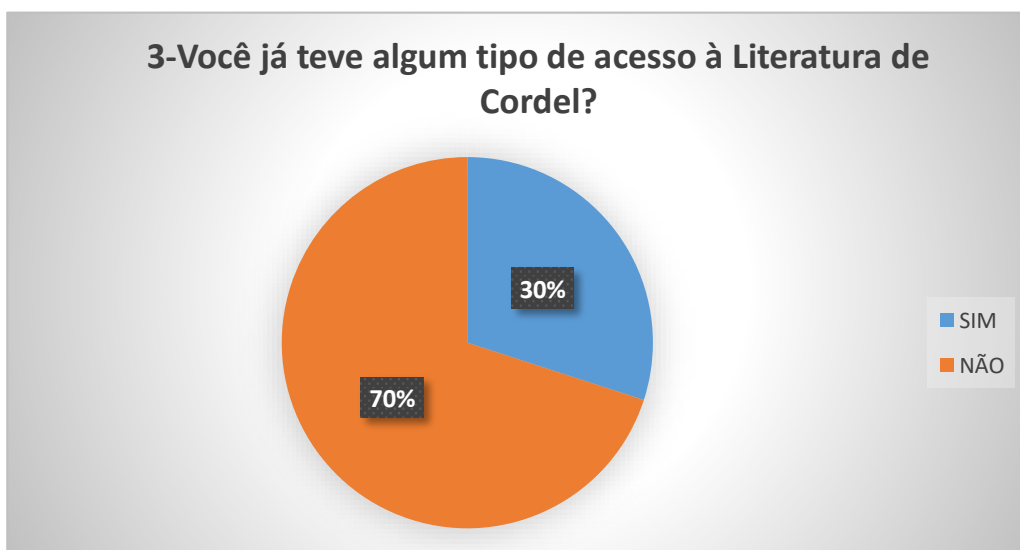


Fonte: Própria 2018

Os dados demonstram que, mesmo por obrigação ou para serem avaliados, todos os alunos do Ensino Fundamental praticam a leitura dentro ou fora da escola e em sua maioria, cerca de 63% dos alunos dizem ler, por gostarem de ler, para obterem conhecimentos e para conhecer o mundo da fantasia e da imaginação

Segundo Koch e Elias (2008), a leitura está além de apenas ocupar um importante espaço na vida do leitor. Para as autoras, o ato de ler constitui-se da junção entre os sujeitos sociáveis com a linguagem sociocognitiva, o que lhes possibilita um contato eficaz com elementos significativos do texto. Sendo assim, o leitor é posto em contato direto com as palavras, de maneira peculiar, percebendo o elevado grau de sentido que elas preservam. Notam-se, constantemente, indagações acerca da real importância da leitura para os membros de uma sociedade. Observa-se também, que o mesmo grupo de indivíduos, anseia pela necessidade de nutrir o conhecimento, especialmente, por meio da leitura. É fato que tal lacuna, poderá ser suprida corretamente, por intermédio das diferentes maneiras de aplicabilidade do elemento de informação. Concebendo que, a leitura decorre do entendimento entre sujeito, língua, texto e sentido, adotados na respectiva sequência, a representação do pensamento, estará assegurada e promoverá a captação mental do leitor, de maneira absoluta.

Gráfico – 03



Fonte: Própria 2018

Constatou-se, por meio do gráfico 03 que 70% dos alunos do 6º ano da ESAM não conhecem a literatura de cordel, pois nunca tiveram acesso a este tipo de literatura, só foram se familiarizar com o tipo de gêneros, por meio das atividades realizadas na pesquisa com eles. Segundo a professora os gêneros são dividido, por bimestre e o cordel está para ser apresentado aos alunos no 3º (terceiro) bimestre pela grade curricular da escola.

Este é o fator primordial do Cordel, e que a partir de seu surgimento no Brasil alcançou grande proporção e espalhou-se por várias regiões, percebe-se isso com a citação de Santos (2005 p.86): “Se antes o folheto interessava somente ao público nordestino hoje ele soube conquistar o mundo moderno e seduz tanto os pesquisadores nacionais, como os internacionais, universidades, escolas, colecionadores e turistas”.

Gráfico – 04



Fonte: Própria 2018

Constatou-se que 95% dos alunos do 6º ano da ESAM acreditam que, através a Literatura de Cordel é importante para Arte Brasileira.

[...] A Cultura Popular é um magnífico tesouro que enobrece a alma do nosso país, encantando e dando lenitivo aos nossos corações. Ela abrange um elenco de manifestações que fazem parte do cotidiano do povo; um relicário de valores expressivos que vão se perpetuando através das gerações, e alimentando a memória viva da nação. Aqui, daremos enfoque especial a uma das principais expressões culturais da nossa população, a Literatura Popular (Parte da obra constante do livro “O Reino Encantado do

Cordel – A Cultura Popular na Educação”, de RUBENIO MARCELO, apud SIQUEIRA, 2005, p. 06)

Por sua vez, à literatura de cordel está interligada com a arte da xilogravura, que é uma técnica de gravura e impressão mais popular para os poetas cordelistas, os mesmos utilizavam a xilogravura para impressão das imagens de seus cordéis. No início a xilogravura foi usada para ilustrar cartas de baralho logo depois está técnica de gravura foi se expandido por todo o território nordestino é que a arte tornou-se tão popular que os artistas ficaram conhecidos como xilogravuristas se destacaram e ficaram reconhecidos mundialmente

A prática experimental realizada na escola ESAM sobre literatura de cordel foi muito importante, pois através que os alunos tiveram acesso ao conhecimento da leitura de cordel, onde conheceram alguns cordelistas brasileiros e suas produções, para tanto estas atividades se mostraram um suporte de ferramenta alternativa de auxílio à aprendizagem e a contextualização de conceitos abstratos de escrita na sala de aula. Portanto, relacionar a teoria com prática torna-se produtivo no desenvolver das capacidades cognitivas dos estudantes, onde eles vivenciam momentos de aprendizagem prazerosa com significados para a vida visando com isso, um olhar científico e cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura de cordel sempre fez parte da minha vida desde criança, claro que não da maneira como vemos e aprendemos agora, mas de uma maneira bem simples e como uma forma de descontração onde meus avôs contavam essas histórias de uma maneira muito divertida, tudo isso fez com que eu me apaixonasse cada vez mais por esta manifestação cultural. A ideia principal desse trabalho é introduzir a literatura de cordel no ensino de língua portuguesa com atividades sequenciais, com isso, resgatar, junto com os alunos algo tão fascinante que é a literatura de cordel, quebrando preconceitos e buscando a integração da comunidade escolar e comunidade em geral.

As situações analisadas, por exemplo, o fato de ler pouco não conhecer a fundo o cordel, no decorrer de todo o processo de análise das informações educacionais, deixam claro que o trabalho com a literatura de cordel, dependem de estruturas montadas para que essas análises sejam norteadas. É importante ressaltar que a e Literatura de cordel se trata da educação resgatando cultural que é de interesse de toda a população.

No decorrer desse projeto, ficou claro o quanto é necessário que seja feito um atividades diversificas em relação ao incentivo a leitura de cordel. Também como parte primordial a arte que envolve a literatura de cordel, assim como, em todo processo de educação voltado para o ensino fundamental, a literatura de cordel é um importante recurso pedagógico a ser usado como incentivo à leitura e arte tem um importante papel dentro do contexto da literatura de cordel facilitando assim o aprendizado e garantindo aos alunos motivação nos seus estudos.

A nossa intenção é estimular esses alunos a despertar o interesse pela arte como forma de expressão depois desenvolver suas habilidades artísticas, mostrando-lhes que não precisam ser gênio para fazer uma obra de arte, basta dedicação e sensibilidade, pois a arte é algo transformador, inovadora e possamos percebê-la. Acreditamos que este trabalho terá impacto muito grande dentro da escola. As maiores contribuições que esse trabalho proporcionou foi a certeza de que os alunos estão sempre prontos para aprender novos conteúdos, no entanto para que isso ocorra e necessário que seja feita a abordagem correta, para que os conteúdos a serem ensinados sejam mais do que simples conteúdos e se tornem algo atraente e instigante, e mais importante de tudo, que estes tenham relação com

a vivência diária desses alunos. Esses fatores são decisivos para que tenhamos cada vez mais certeza que a educação é o caminho certo para mudar a vida da sociedade brasileira.

Portanto é necessário aprofundar estes assuntos para que os educandos compreendam melhor o patrimônio que o Brasil possui no campo artístico. Vale enfatizar que esta obra foi um belo trabalho produzido com os alunos do 6º ano do ensino fundamental e que pode ser estendido aos outros alunos da escola e convidados. Não foi fácil realizá-lo, mas com apoio da professora regente e do interesse dos alunos, conseguiu-se concretizá-lo com sucesso as atividades pedagógicas.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **História dos cordéis e folhetos**. Campinas. SP. Ed: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999.
- AGUIAR, Vanda T. **O leitor competente à luz da teoria da literatura**. Revista Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, v. 124, v. 5/6, p.23-34, jan./mar. 1996.
- ASSIS, Regiane Alves de. TENÓRIO Carolina Martins. **Literatura de Cordel como fonte de informação**. 2011
- AZEVEDO, Ricardo. **Formação de leitores e razões para a literatura**. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). Caminhos para a formação do leitor. São Paulo: DCL, 2004. p. 38-47.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor, alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- BRITO, Eliana Vianna. **PCNs de Língua Portuguesa: a prática em sala de aula**. São Paulo: Arte & Ciência, 2001.
- CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. São Paulo: Ciência e Cultura, 1972.
- CHARTIER, Roger. **Práticas da leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário teoria e prática**. 2 edição. 3 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.
- Diretrizes Curriculares da Educação Básica de Artes – DCE**. Editora: Jam3 Comunicações, 2008.
- ESCARPITT, R.; BAKER, R. **A fome de ler**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1975.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 49 ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- GHILARDI, M.I. (orgs.) **Mídia, educação e leitura**. In BARZOTTO, V.H. São Paulo: Anhembi-Morumbi/ALB, 1999
- KOCH, Ingdore V.; ELIAS, Maria V. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2008.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.
- LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.
- LOBATO, Eládio. **Caminho de Canoa Pequena: História do município de Igarapé-**

Miri. Ed.4. Local de publicação: EDITORA, 2007.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. São Paulo: Ática, 2002.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. 3.ed. ver. ampl. Campina Grande: Bagagem, 2007.

LOBATO, Eládio. **Caminho de Canoa Pequena**: História do município de Igarapé-Miri. Ed.4. Local de publicação: EDITORA, 2007.

SANTOS, C.C.S dos; SOUZA, R. J de. **A leitura da literatura infantil na escola**. In:_. Caminhos para a formação do leitor. Org. Renata Junqueira de Souza. 1 edição. São Paulo: DCL, 2004, p. 80 – 90.

SANTOS, Manuela Fonseca. **A Literatura de Cordel**. Revista de estudos Iberoamericanos. 2005.

SILVA, Fernanda Isis C. da; SOUZA, Edivanio Duarte de. **Informação e formação da identidade cultural**: o acesso à informação na literatura de cordel. João Pessoa, jan./jun. 2006.

SIQUEIRA Thelma Regina Linhares, Professora e pesquisadora de folclore - **Literatura de Cordel**, uma mídia em evolução. Recife, 17 de julho de 2005.

SOARES, Magda. **A escolarização da literatura infantil e juvenil**. In:__. A escolarização da leitura literária. O jogo do Livro Infantil e Juvenil. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOBRINHO, José Alves. **Glossário da poesia popular**. Campina Grande: Editel, 1982. p. 13-22.

ANEXO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA- PARFOR
CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA - PARFOR

QUESTIONÁRIO

Caríssimos discente sou a acadêmica **Esmeralda Barbosa de Sousa** da **Universidade Federal do Pará** do Curso de **Letras Língua Portuguesa – PARFOR** estou fazendo uma pesquisa de campo “a qual será de grande importância para o meu trabalho de conclusão de curso que tem como tema: **A IMPORTANCIA DA INSERÇÃO DO GENERO CORDEL NO ENSINO FUNDAMENTAL COMO FERRAMENTA DE RESGATE DA CULTURA MIRIENSE**”, suas respostas muito contribuíram com minha pesquisa.

1 - O que você costuma ler no seu dia-a-dia?

() Quadrinhos () revistas () livros () outros

2 - Por que você lê?

- () Para se manter informado (a)
- () Porque gosta de ler
- () Por tarefa escolar
- () Para ser avaliado (a)
- () Obter conhecimentos
- () Para conhecer o mundo da fantasia e da imaginação

3-Você já teve algum tipo de acesso à Literatura de Cordel?

() SIM () NÃO

4- Através dos estudos realizados sobre a Literatura de Cordel, você considera o mesmo importante para a Arte Brasileira?

SIM NÃO